

GAZETA  
DE JA-DO RIO  
NEIRO.

QUARTA FEIRA 2 DE AGOSTO DE 1815.

*Doctrina . . . vim promouet insitam,*

*Rectique cultus pectora roborant.* H O R A T.

*Rio de Janeiro.*

**F**OMOS obsequiados com Gazetas de Lisboa até o 1.º de Junho, das quaes extrahimos os seguintes artigos.

## H E S P A N H A.

*Manifesto da Justiça, importancia, e necessidade, que acha El Rei Nosso Senhor para se oppor á aggressão do usurpador Bonaparte, procurar o repouso e tranquillidade da Europa, e proteger os direitos da humanidade e da Religião, em alliança e união com os Soberanos, que assignarão em Vienna a Declaração de 13 de Março do presente anno.*

## EL REI.

Hum dos melhores Reis, que teve a França, Luiz XVI., foi a victima, que a cabala de cruéis régicidas sacrificou á sua ambição, com assombro e terror do Mundo, e com a mais acerba magoa da França, que vio cortada a serie dos Soberanos da dynastia de Bourbon; Soberanos, que a historia nos menciona com o sobrenome de piedosos, justos, queridos, e pais de seus povos; Soberanos, que, servindo a Deos, e fazendo-o servir, mantinão seus Reinos em justiça, paz, e tranquillidade, que fazem a prosperidade dos Estados, e são o alvo dos Governos; Soberanos, que reconhecio a responsabilidade do tempo, dos desvelos, e do amor aos seus povos; Soberanos em fim, que fundando sua gloria na felicidade de seus Estados, levantarão seu Reino da classe de Potencia de segunda ordem ao lugar distincto de dominante na Europa. O golpe de hum ferro fatal cortou o fio da vida de Luiz XVI.; suas virtudes Reaes, deixando a França, buscarão asylo na alma de Luiz XVIII.; e aquelle desgraçado Reino foi des-

de logo theatro sanguinolento da anarquia, e das facções. Bem que variadas em formas differentes, erão todas conformes no systema de sacrificar a prosperidade publica á sua conservação, e succedendo humas ás outras, abortarão a tyrannia de Bonaparte, e concentrarão na sua mão o poder arbitrario até então exercitado por muitos.

A impulsos da seducção, da fraude, e da força, foi aquelle filho dos partidos aclamado Imperador pelos povos de França; e favorecido pela fortuna da guerra, conseguiu ser reconhecido como Soberano pelos differentes Estados da Europa, que nem tinham o poder de alterar os principios eternos da justiça, nem a obrigação de os sustentar até ao extremo de aventurar a independencia, e conservação de seus subditos, primeira attenção dos Governos. A Hespanha ensinou a todos a arte de acabar com o perturbador do Mundo; e a seu exemplo, depois de soffocar rivalidades particulares, conseguirão as Potencias reunir-se contra o inimigo commum, e concertarão a mais justa das allianças para restituir a França seus legitimos e desejados Soberanos, e detribar do throno ao sacrilego, que o occupava. Este, fecundo em recusos, nada escrupuloso na eleição dos meios, é acostumado a caracterizar de Tratados os ajustes da fraude e da violencia, pertendeu affastar a tormenta, negociando comigo em Valençay, e o fructo de suas astucias foi a humilhação de as ver frustradas. Julgava o fementido que poderia enganar duas vezes, ou que cabia em meu coração a idéa de comprar a liberdade com prejuizo da salvação dos meus povos, e offensa da tranquillidade da Europa. Não podia o Ceo deixar de favorecer a empreza dos primeiros Soberanos, tão reclamada pela moral, pela Religião, e pela humanidade; e todas começarão a respirar em liberdade, logo que virão sanccionados seus direitos

no Tratado de Paris. Eis-aqui os titulos, em que *Bonaparte* apoia o seu direito á Coroa de França, e a pertença de o recobrar, sustentado pela parte pervertida da nação, com magoa e dor da mais sã, que suspira por viver debaixo dos auspícios do justo e clemente *Luiz XVIII*.

Logo que pelos esforços da fidelidade e valor da *Hespanha*, de concerto com as outras Potencias, se quebrarão as cadeias, que me prendião em *Valençay*, sahi daquella residencia para vir para o meio de meus vassallos, como hum pai para o meio dos seus filhos. Ao prazer, *Hespanhoes*, de me ver entre vós, se unia o proposito, e a doce esperanza de reparar em paz dilatada os estragos da guerra mais devastadora e sanguinolenta. Nada me affligia senão a difficuldade da empreza. A guerra tinha despovoado as Províncias, convertido em arêaes as terras mais fecundas, empataado o commercio, enfraquecido as artes, corrompido os costumes, alterado a Religião, e enervado as leis. Quanto, quão graves, e quão dignos objectos para occupar a attenção de hum Soberano, que não nasceu para si, mas para fazer a prosperidade dos povos, que a Providencia Divina entregou ao seu cuidado e vigilancia! Em quão pouco tempo se destroe a obra de muitos seculos, e quantas difficuldades não tem a sua reparação! Todas esperava vencer com constancia, paz permanente, e desvelos de paternal governo auxiliado pela Providencia: porém, esta por seus altos e incomprehensíveis designios, permite que *Bonaparte* torne a perturbar a *Europa*, e a declarar-se seu inimigo, quebrando as determinações do Tratado de Paris. Assim a guerra, que preparou este, e igualmente as suas estipulações, tiverão por base principios eternos de ordem, que justifição a marcha dos Gabinetes, e eximem de toda a responsabilidade as suas alianças.

O bem, e as vantagens da França, e da tranquillidade geral, forão o objecto daquellas transacções; para isto restituirão ao seu throno a dynastia despojada, collocarão nelle o justo, o dezejado dos povos, o conciliador e pacifico *Luiz XVIII*, e libertarão o Mundo de hum conquistador, que não conhecendo outra gloria mais que a da guerra, arruinava a França, para hir assolar as nações, que queria subjugar.

A guerra, pois, que provocou a aggressão de *Bonaparte*, não só está justificada pela obrigação, que tem todos os Soberanos, de manter as suas garantias e confederações, mas tambem pelos sagrados deveres, que lhes impoem a instituição das Soberanias.

A guerra he hum mal pernicioso: nenhum Governo deve emprehende-la, a não ser para remediar os povos de calamidades maiores que as da mesma

guerra. Tal he o caso *Hespanhoes*, em que nos achamos. *Bonaparte* depois da sua aggressão contra a França, e o seu legitimo Soberano, e de ter quebrantado o Tratado, em que consentio, sustenta que não offendeu a nação, que recobrou os seus legitimos direitos, que os Soberanos não lhos podem disputar, e que quer viver em paz com todos. O que pertende o invasor não he a paz, quer ver-se desembaraçado de attensões estranhas para empregar a parte armada da nação *Franceza* contra a maior e mais sã, mas inerte, da mesma nação. Para não omittir genero algum de insulto, pertende que se acredite que elle vai trabalhar pela paz e prosperidade da *Europa*, como se esta estivesse esquecida de que, desde que tomou as redeas do poder, se renovarão constantemente guerras terriveis, que as fontes da publica prosperidade se secarão em todos os paizes sujeitos a sua influencia, ou como se fosse possivel cahir no absurdo de imaginar que *Bonaparte* he capaz de largar as suas maximas invariavelmente observadas.

A *Hespanha* não precisa pedir lições a outrem: instructivas de sobejo as tem em seus funestos desenganos. *Bonaparte* affligio-a com duas especies de guerra: até ao anno de 1808 fê-la á sua dignidade, aos thesouros, ás esquadras, e aos exercitos *Hespanhoes*, fazendo que servissem aos seus designios; e a isto chamou amizade aquelle Alliado exterminador. E para que ninguem se fiasse em seguranças de gratidão, praticou em *Bayona* as maquinações, que são bem conhecidas do publico: depois, para sustentar a obra mais atroz da perfidia e da violencia, derramou a desolação e o estrago pelas provincias desta nação, e tratou-a como huma propriedade livre, de que pôde dispor seu dono a favor de quem lhe appraz, com as condições do seu alveddio. *Bonaparte* não se desmente; assignala a sua nova epoca, sacrificando á sua vaidade o Soberano legitimo e idolatrado da França, e a liberdade d'aquella Potencia, pondo-se á frente de huma facção interessada em continuar os estragos da humanidade. *Bonaparte* diz da Capital de França a todas as nações: — não me acrediteis: quizestes, nas pazes precedentes, com os vossos mais preciosos interesses, e mais sagrados deveres, comprar a tranquillidade dos povos, mas ficastes enganados. *Bonaparte* diz da residencia do throno *Franceza* aos Soberanos: — contra a vossa convicção reconhecestes em outro tempo os meus direitos usurpados, e consentistes que me assentasse entre vós; mas o resultado não foi outro mais que o de alimentar a minha vaidade e ambição. *Bonaparte* em fim diz ao Mundo — todas estas condescendencias forão desprezadas por hum homem sem fé, e sem lei, que não achou meio entre o seu exterminio e o do genero humano.

Em taes circumstancias não se pôde vacilar sobre a escolha do partido: a *Europa* inteira toma o mais seguro, vantajoso, e honorifico. As desconfianças entre as Potencias desapparecerão, e os seus interesses reunirão-se pelo perigo commum. A *Prussia* não ha de ser passiva espectadora dos revezes da *Austria*. A *Austria* não ha de olhar com indifferença para a sorte da *Prussia*. A *Russia* não ha de consentir que a parte do Sul da *Europa* se reparta em heranças para sustentar escravos coroados. A *Inglaterra* ha de persistir em que não compareça de novo na scena dos Soberanos o temerario *Bonaparte*, que se atreveo a dar leis aos mares, quando todos os seus navios estavam encadeados nos seus portos; e finalmente os Soberanos, bem persuadidos de que a generosidade não he correctivo para as almas de certa tempera, só darão ouvidos ás reclamações da justiça, e da salvação publica, que he a suprema lei dos Governos.

Aqui tendes, *Hespanhoes*, huma guerra ordenada por aquella lei: he innocente e perfeitamente justa, porque se propõe para o bem dos povos e segurança dos Soberanos, chamados pela Providencia, e pelas leis fundamentaes para os governar. Tambem he prudente, porque os meios, que têm tomado, e continuão a tomar, as Potencias Alliadas para conseguir de novo a paz da *Europa*, são conformes á gravidade e importancia da empreza; e, sobre tudo, he necessaria, porque os Corpos das nações, bem como os individuos, não podem desviar-se da lei da conservação, nem dispensar-se da sua defeza contra o perturbador da tranquillidade do Mundo.

Não provêm a necessidade da guerra unicamente deste principio: tendes-la, *Hespanhoes*, e mui imperiosa, de lutar contra o author, que forjou o impio plano de arruinar a obra de JESU-CHRISTO, e de acabar em dois ou quatro annos a que elle chamou nas suas instrucções a *Cervelloni*, fabrica de engano e de preocupação. Tal he *Bonaparte*, que não contente de ser a origem das calamidades, quer que se soffrão sem apoio, sem consolação, sem esperança de melhor sorte, e sem os socorros em fim da terna, officiosa, e compassiva Religião Catholica. Não convêm a *Napoleão* dogmas, que condemnão o direito da força, unico, que elle reconhece: dogmas, que pregão justiça e equidade, não podem agradar ao usurpador dos thronos; não convêm em fim, a quem sustenta que os nomes de justo, recto, e virtuozo, pertencem exclusivamente aos conquistadores.

A justiça, *Hespanhoes*, a prudencia, a lei da defeza, e a Religião ordenão esta guerra, para resgatar a *França* do jugo da oppressão, em

que gemê, e para alcançar a tranquillidade e repouso do Mundo. Os conselhos da ambição não tiverão a menor influencia em tão inteiro Tribunal. Não se ha de desmembrar da *França* nem praças, nem provincias. Os seus limites hão de ser religiosamente respeitados; e para que os exercitos auxiliares não assentem o pé dentro delles, não precisa fazer a *França* mais que reflectir sobre o ultraje, que se faz á sua dignidade nacional, constituindo-a objecto do jogo, e moza das facções; que huma nação começa a ser escrava desde que perde os Reis chamados por suas leis fundamentaes, e que ver com apathica indifferença a troca de hum Rei pai dos seus povos por hum monstro, que se nutre de sangue humano, he a mais torpe das considerações.

Bem conheço que me compete a autoridade de declarar, e fazer a guerra. Estou certo que meus vassallos descansão na confiança de que hum Rei, que funda a sua felicidade na de seus povos, não pôde emprehender a guerra sem a magoa de se vêr na precisão de os defender. Quiz porém chamar em meu auxilio a força da convicção, para abonar-me com a reputação de justo no conceito das nações, para fortalecer o valor das minhas tropas, estimular a generosidade dos honestos, sustentar a resignação de todos nos trabalhos desta fatalidade, e para que santificada a guerra, todos esperem o auxilio do distribuidor das victorias. — Palacio Real de *Madrid* aos 2 de Maio de 1815.

(Assignado)

*Fernando.*

*Pedro Cevalhos.*

*Berlín 9 de Abril.*

Na Gazeta desta Capital, de 5 do corrente, publicou-se huma carta do Marechal de *França*, *Marmont*, escrita ao Principe de *Schwartzénberg*, com o fim de lhe communicar a que tinha escrito ao Duque de *Vincenza* (*Caulincourt*) em resposta á que este lhe mandara em nome de *Napoleão*.

*Carta de Marmont ao Principe Schwartzenberg.*

Tenho a honra de remetter a V. Ex. a resposta, que me julguei obrigado a dar ás propostas, que me fez *Napoleão*. Nella verá V. Ex. claramente qual he o meu modo de pensar, que, segundo creio, não me faz indigno do commando, que V. Ex. teve a bondade de me offerecer, e por modéstia mal entendida não deixarei de aceitar, nem me negarei a dar ao meu Soberano hum testemunho publico da minha fidelidade e vassallagem, considerando-me feliz, se, derramando o meu sangue em sua defeza, consigo apagar a memoria dos serviços, que por tanto tempo fiz

ao mais ingrato e pífido dos homens. — *Mar-  
mont*, Marechal de França.

*Carta a Mr. de Caulincourt, Ministro dos Ne-  
gocios Estrangeiros.*

*Napoleão*, depois de me ter coberto de inju-  
rias, valeu-se de vossa conducta para me propôr  
o partido, que julgou dever offerecer-me, persua-  
dido de que conseguirá ganhar-me por meio de  
promessas lisongeiros, como se eu não soubesse  
até que ponto sabe unir os ultrages aos favores.  
Mas visto que estais incumbido de lhe entregar a  
minha resposta, vou manifestar-vos com franqueza  
quaes são os meus sentimentos, para que aquelle,  
que vós chamais vosso amo, se poupe ao traba-  
lho de me fazer novas instancias.

Não ignoreis o zelo, com que servi a *Napo-  
leão*, emquanto a sua sorte estava ligada com a da  
*França*; e ainda que havia já muitos annos, que  
não se me occultára nem a injustiça de suas em-  
prezas, nem a extravagancia de seus projectos,  
nem sua ambição, nem seus delictos, com tudo,  
como era o Chefe do Estado, a sua prosperidade,  
por mais criminosa que fosse aos meus olhos, pa-  
recia-me sempre para a minha patria preferivel aos  
revezes, que, augmentando o seu furor, poderião  
ter sujeitado a *França* a dominio estranho.

O mesmo *Napoleão* não poderá negar quão  
importantes forão os serviços, que fiz ao exercito:  
nunca foi do meu caracter fazer ostentação das  
minhas acções militares; mas posso dizer que a  
gloria de algúas me dará talvez hum lugar distinc-  
to nos fastos da historia.

Havendo a imprudencia de *Napoleão* deixado  
*Paris* sem defeza, corri a cubri-la, e cheguei com  
o Corpo do meu commando a tempo que hum  
exercito de 120000 homens hia cahir sobre ella, e  
arruinar a primeira Cidade da *Europa*. O valor das  
Guardas-Nacionaes de *Paris* tinha irritado os ven-  
cedores, quando o Principe de *Schwartzenberg*,  
e o General *Nesselrode*, me declararão que *Paris*  
podia salvar se por meio de hum capitulação; e  
tendo entrado desde logo a tratar da conservação  
de hum milhão de habitantes, tive depois a ventu-  
ra de entrar tambem em negociações para salvar a  
*França* inteira.

Os Soberanos Alliados, possuidos então de  
justo resentimento, mas sacrificados ao desejo de  
adquirir gloria mais sublime, que a ganhada por  
conquistas, significarão-me que com o exterminio  
de *Napoleão* se dissiparia o seu resentimento; eu  
eruei, que me atrevi a penetrar as suas idéas,  
disse-lhes que existia hum familia geralmente ado-  
rada em *França*, familia illustre por glorias justa-  
mente adquiridas, e cujo nome, acompanhado de  
todas as lembranças de ventura e prosperidade na-

cional, logo que o proferissem, ressoaria de ma-  
ma á outra extremidade da *França*. Pela respos-  
ta, que me derão, vi logo que tinha capitulado,  
não com inimigos da *França*, mas com os seus  
libertadores; e então foi quando committi hum  
enorme desacerto, e o unico, de que me arrepen-  
do, que consistio em ter a fraqueza de exigir que  
se salvasse a vida a *Napoleão*, o que consegui,  
arrancando de seus inimigos o juramento de assim  
o praticarem, e fazendo por este modo que o in-  
teresse da patria cedesse aos sentimentos mal apa-  
gados de hum antiga amizade: he este o delicto  
unico, de que actualmente me accusa a consciencia.

A *França* reconheceu em *Luiz* o seu Rei, o  
seu Pai, e o seu libertador, porque salvou a *Fran-  
ça* de hum invasão, dando-lhe a conquista o di-  
reito de dividirem hum paiz, que por espaço de  
20 annos lhes roubára todas as suas riquezas e  
poder. Ao nome sagrado de *Luiz* se apasiguarão,  
e largarão as armas, assim, *Luiz*, ausente, sem  
exercito, sem amigos, e sem mais força que a  
da virtude, e a preeminencia do poder legítimo,  
alcançou da *Europa* armada a paz mais extraordi-  
naria, de que faz menção a historia.

Sujeitei-me com gosto ao verdadeiro Sobera-  
no da *França*, ao qual tendo honrado na prosperi-  
dade, serei fiel na adversidade, ainda que esta  
fosse tão duradoura, como a julgo passageira: fiz  
em serviço seu o sacrificio da minha vida; e jul-  
gar-me-hei por mui feliz, se para sua conservação  
derramar até a ultima gota do meu sangue.

Tal he a minha justificação, e taes são os  
meus sentimentos, que bem sabeis se o reinado  
de *Luiz* poderia enfraquece-los. Este reinado, tão  
extraordinario por sua curta duração, objecto da  
nossa admiração, amor, e lagrimas, e objecto  
eterno da meditação dos Reis, e da desesperação  
dos titannos, dá á posteridade testemunhos irrefra-  
gaveis a favor dos que contribuirão para a restau-  
ração dos *Bourbons*, e contra os criminosos agen-  
tes do usurpador.

Com toda a franqueza, que me caracteriza, vos  
darei, que não quero, nem sollicito a approvação  
de *Napoleão*, nem a vossa, nem a dos homens,  
que se parecem convosco; e confesso que me hor-  
roriso quando vejo o companheiro, na infancia,  
do desgraçado Duque de *Engbien* levar a mal que  
eu abandonasse *Napoleão* para seguir hum *Bour-  
bon*. Desculpo o erro dos que até á chegada de  
*Luiz XVIII*. admirarão o heróe sanguinario, que  
dominou em *França*; mas julgo que antecipo o  
juizo da posteridade, condemnando ao desprezo e  
á execração os que abandonarão *Luiz XVIII*. para  
se unirem a *Napoleão*, e declarando que esses vis  
inimigos da patria são aos meus olhos indignos  
de perdão e de piedade, e que a nação, para não

receber opprobrio eterno, deve separa-los para sempre do seu seio.

Por estes meus sentimentos, que com franqueza vos descubro, conhecereis se *Napoleão* pôde ter esperanças de chegar a seduzir-me. Dizei pois ao assassino do Duque de *Enghien* e de *Pichegru*, ao perturbador do repouso da *Europa*, ao que inundou a *França* de pranto e sangue, ao violador do direito das gentes, e de todos os Tratados, em huma palavra ao mais peijuro e pérfido dos homens, e ao mais culpado dos mortaes, que dentro de poucos dias o seu infame sangue sellará o juramento, que fiz ao meu Rei, que já nada ha, nada, de commum entre mim, e o inimigo da minha patria; que o meu braço vai em breve guiar o estandarte dos *Lizes* até a capital; que a minha vida está consagrada a reunir em torno deste estandarte os *Francezes*, que forem fieis, ou tiverem sido seduzidos; e annunciai-lhe em fim, em nome de toda a *Europa*, que o sangue derramado por assassinos se levanta contra as suas cabeças, e que já se avizinha o dia da justiça. — *Marmont*, Marechal de *França*.

*Madrid 13 de Maio.*

(Artigo de Officio.)

Circular expedida pela Repartição Universal das *Indias*.

Quando a *Europa* respirava o ar aprazivel da liberdade, depois de ter sacudido tão gloriosamente o jugo de ferro, com que a tinha opprimido o infame aventureiro da *Corsega*, frustra este barbaro, ainda sedento de roubos, e de sangue, a vigilancia, que o observa, e a favor das sombras da noite sabe com mil dos seus escravos da Ilha d' *Elba*, onde varias considerações politicas o tinham confinado.

Desembarcando junto de *Cannes* na *Provence*, commetteo logo actos de hostilidades, e attentados contra a Soberania de *Luiz XVIII.*, e continúa sua derrota por *Grape* e *Castellane* até ao Departamento do *Isere*. Do Throno do Monarcha sabe hum Decreto fulminante, declarando-o traidor e rebelde, por se ter introduzido de mão armada no Departamento do *Var*; mas o heroe da perfidia, acostumado a atropellar todos os direitos, e a mofar de anathemas, encaminha-se para a capital entre o pavoroso silencio de seus habitantes, preocupados com o assombro, que lhes inspira hum successo tão extraordinario. Proclama-o a soldadesca vil, e detesta-o, e amaldiçoa-o a opinião geral.

As memorias das licenças passadas, dos roubos, e depredações, fazem que a maior parte da força armada se renda á disposição do tyranno, hydópico de lagrimas e de mortes; porém a lembrança dos males de toda a especie, com que af-

fligio a terra, o sangue ainda fumante de tantos milhões de victimas sacrificadas á sua ambição, condemnão a sua existencia, e o constituem objecto da execração publica. Para evitar os tristes resultados de huma guerra civil, sabe S. M. Christianissima da sua Corte, e o Throno Augusto de *Henrique IV.* he segunda vez profanado pelo pé sacrilego de *Napoleão Bonaparte*. Em vão a sua politica versatil, capciosas theorias, intrigas, e mentiras acodem a consolidar de novo tão escandalosa usurpação: a terrivel lição do passado estabeleceo o axioma de que não pôde haver paz com os tyrannos; e o mundo esta bem persuadido que taes abstractas especulações propendem a romper os laços, com que estão unidos os povos aos seus Soberanos.

A existencia de *Bonaparte* implica com a existencia dos homens; e a natureza fatigada grita que lhe apaguem esta asquerosa mancha, que lhe afêa o semblante. Essa furia, que abortou o abysmo para desordenar o globo, tem infringido leis e pactos, intencionado os templos, e feito estremecer o mundo. O venenoso hálito dessa hydra fôra capaz de destruir o universo, se ainda não subsistisse a formosa cadeia de ouro, que prende no Ceo pelo primeiro anel. He já tempo de recuperar a justiça os seus sagrados direitos, de respirarem os justos, e de sacudir o mundo o pezo enorme dos crimes desse Genio do mal. A Corte de *Vienna*, moderna officina de *Marte*, e nova forja de *Vulcano*, dispara o raio exterminador da tyrannia. Os Soberanos reunidos naquella capital suspendem as tabelas dirigidas a equilibrar as forças da *Europa*, e assentam as bases de huma paz firme e duravel: de repente largão a oliveira, e empunhão a espada vingadora, e mandão que resôe o clarim da guerra desde o Oriente ao Occidente, e desde o Norte ao Sul. *Bonaparte* está lançado na lista de proscrispção, e tem mui proximo o seu desastroso fim.

Em 13 de Março se decretão 800,000 guerreiros contra a *França*: cresce o entusiasmo até o ponto de se decretarem mais 300,000, se fossem necessarios; as Potencias Alliadas ajustarão entre si garantir a Coroa de *França* a favor dos *Bourbons*, e declarão que garantem mutuamente seu Throno e seus Estados, que considerão a tranquillidade dos Principes como salvaguarda da tranquillidade dos povos, e que sacrificarão tudo para ser aquella legitimidade respectada. Os *Hollandezes* ouvem a voz imperioza, com que do túmulo lhes lembra o seu ascendente *Barneveld* quanto fez pela salvação da patria, e jurão pelos seus manes sacrificar-se gostosos por seu amado Soberano o Principe de *Orange*. A *Europa* inteira appresenta hum todo homogeneo e impenetravel, e o malvado vai termina-

a horrenda carreira de sua vida criminosa e detestável. O curto espaço de dez dias he o termo, que se lhe concede para sahir de França, e voltar á Ilha, que a elemencia dos Alliados lhe concedeo, e outros dez dias á nação Franceza para se sujeitar á obediencia de Luiz XVIII. Se, passado este termo, não estiver restabelecida a ordem, declarão as Potencias Alliadas Napoleão Bonaparte e o exercito Francez inimigos irreconciliaveis da França e da Europa, e fazem marchar as tropas combinadas de Inglaterra, Allemanha, e Russia para restituir ao Throno hum Principe, que a elle he chamado por direitos imprescriptiveis. Desta energica maneira manifestarão os Soberanos em Francfort os seus leaes sentimentos e desgnios!

El-Rei Nosso Senhor me ordena que instrua a V. destas antecedencias, para que vigie sobre qualquer surpresa de emissarios, e agentes do perturbador da paz continental. Os seus esforços, ardis, e estratagemas são na verdade nullos e impotentes; mas os mal intencionados espalhão noticias funestas para ver se conseguem escurecer o horizonte politico, e valem-se da seducção e arteificio para augmentar o numero dos desgraçados. O povo Hespanhol, que deo o tom á gloriosa revolução da Europa, e que entregou irrevogavelmente seu coração ao Desejado Fernando, caminha a tomar parte na destruição do monstro da Corsega, para voltar a desfructar em socego, e perfeita tranquillidade, as delicias do governo paternal do seu idolatrado Monarca. Assim o participo a V. para sua intelligencia e cumprimento. Deos guarde a V. muitos annos. Madrid 29 de Abril de 1815. — *Lardizabal.*

*Halberstadt 8 de Abril.*

*Aos habitantes das Provincias Prussianas entre o Elbo e o Weser.*

Nós não vos chamamos, armadas provincias do Rei! não he necessario chamarmos. Todos aquelles, que tiverão licença para retirar-se, se apressão ao primeiro signal, deixarão mulheres e filhos, suas cazas, suas noivas, e seus parentes, sabendo que primeiro pertencem ao Rei, e á patria; e que em suas cazas o Rei e seus fieis servidores tomarão cuidado de tudo quanto lhes he caro. Os voluntarios correm aos bandos; não só os mancebos, mas os varões, os mesmos pais se offerecem ao mesmo tempo com todos os seus filhos. Nem os seus empregos, nem mulheres, nem filhos os embarção. Os meninos de bom grado passação por homens, para poderem hir ao campo. As matronas mais respeitaveis se offerecem a cuidar dos hospitaes para os Soldados. Pois bem, nós accetamos vossas generosas offertas. Marchai contra o inimigo infiel, por vosso Rei, e pela patria,

sob a protecção de DEOS. Nós que voluntariamente iriamos com vosco, mas que pela positiva ordem do Rei, e pelos deveres a nós encarregados, devemos ficar na patria, tomaremos cuidado de vossos bens, de vossas mulheres, de vossos filhos, dos vossos parentes velhos, de vossas noivas, e se for necessario as defenderemos com as armas na mão. Nós vos tornaremos a ver libertadores do vosso paiz. ,,

*Jornal de Luiz XVIII.*

Havemos recebido os numeros 1.º e 2.º do *Jornal Universal*, publicado em Ghent, sob a authoridade de Luiz XVIII. O 1.º numero he datado de sexta feira 14 de Abril. Damos o seguinte extracto:

*Ordenanças do Rei de França.*

Luiz por graça de DEOS, Rei de França e da Navarra.

A todos que as presentes virem, saude:

Considerando a urgencia de circumstancias, e a obrigação, que ellas nos impõe de exercermos em toda a sua extensão os direitos do nosso poder Real, conforme o artigo 14 da Carta Constitucional, havemos ordenado, e ordenamos o seguinte:

Art. I. Prohibe-se a todos os nossos vassallos, que se acharão momentaneamente governados por Napoleão Bonaparte, pagar ao governo chamado Imperial alguma especie de tributo, directo ou indirecto, debaixo de qualquer denominação, e em qualquer epoca que o tributo seja imposto, já legalmente pelo concurso das duas Camaras e da nossa authority, já por qualquer outro corpo politico illegalmente ajuntado, ou pela violencia da authority arbitraria, seja civil ou militar.

II. Prohibe-se igualmente a todos os Prefeitos, Inspectores de Finanças, Recebedores Geraes e particulares, Cobradores, Administradores de Contribuições directas ou indirectas, de Alfandegas e Registros, e geralmente a todas as Contadorias dependentes da Repartição da Fazenda, pagarem os fundos, que cobrarem, ou tiverem á mão nos cofres chamados Imperiaes.

Os agentes acima nomeados, que, tendo conhecimento da nossa presente ordem, não se conformarem a ella, decahirão das fianças, que tinham prestado, ou serão obrigados a pagar segunda vez ao nosso thesouro os fundos entregues por elles a Napoleão Bonaparte; e todas as quitações, e recibos dados pelas authorities do Governo chamado Imperial, serão nullos e de nenhum effeito, relativamente aos ditos agentes.

III. A arrematação do sello e dos dominios publicos, authorisada pelo ultimo budget, fica suspensa nos departamentos invadidos por Napoleão Bonaparte. Todas as arrematações feitas depois de

data desta Ordenança; se declarão nullas; e de nenhum effeito.

IV. Nas provincias, em que a traição de alguns corpos do exercito, e a tirannia de *Napoleão Bonaparte*, ainda não tem deposto os agentes da authoridade Real, elles seguirão para o pagamento dos impostos as instrucções do nosso Ministro da Fazenda, datada de 12 do corrente.

V. Os nossos Ministros, Secretarios de Estado,

de Fazenda, e da nossa Caza, são encarregados cada hum no que lhe pertence, da execução da presente Ordenança.

Dado em *Lille* a 23 de Março do anno de 1815, e do nosso Reino o 20.<sup>o</sup>

(Assignado)

Luiz.

E mais abaixo, pelo Rei,

(Assignado)

Blacas d' Aulps.

## NOTICIAS MARITIMAS.

### ENTRADA S.

Dia 28 do corrente. — *Babia*; 17 dias; B. Paquete, M. João Francisco de Almeida, C. ao M., vinho, carne do Norte, e fazendas. — Campos; 7 dias; L. S. Luiz Gonzaga, M. José Francisco da Costa, C. a José Antonio Gaimarães, assucar, agoardente, e tatagiba.

Dia 29 dito. — *Monte Vidéo*; 15 dias; G. Heip. Santa Maria, M. D. José Fuentes Blanco, C. ao M., carne, sebo, quina, e lá. — *Baltimore*; 45 dias; E. Amer. Kemp. M. Francisco Brunelt, C. a John Kemmerman, terebintina, macame, resina, e polvora. — Campos; 8 dias; L. Conceição, M. Constantino José Duarte, C. ao M., assucar, e mel. — Dito; 9 dias; L. Viva Maria, M. João Ferreira dos Santos, C. ao M., agoardente, e mel. — *Cabo Frio*; 2 dias; L. S. José, M. José de Carvalho, C. ao M., taboado, e milho.

Dia 30 dito. — *Buenos Ayres*; 15 dias; B. Nova Alleluta, M. Luiz Arnaud, C. a José Midosi, couros, e sebo. — *Laguna*; 20 dias; S. Cachoeira, M. Paulo Golçalves Ribeiro, C. a Francisco Antonio Pereira Lima, milho, trigo, feijão, mendoxi, peixe, e agoardente. — *Rio das Ostras*, 14 dias; L. Santa Anna, M. José Gomes Tonguinho, C. ao M., taboado. — *Rio de S. João*; 4 dias; S. Conceição, M. José Caetano de Oliveira, C. a Manoel Travassos da Costa, madeira. — Dito; dito, L. S. João da Barra, M. José Antonio de Moraes, C. a Antonio José da Cunha, tabaco. — Dito; 7 dias; L. Conceição, M. José Maria de Almeida, C. a Manoel Ferreira Gonçalves, madeira, e milho. — Campos; 7 dias; L. Felicidade, M. Antonio Lopes da Costa, C. a Antonio Francisco Leite, as-

sucar, mel, e tatagiba.

Dia 31 dito. — *Liverpool*; 45 dias; B. Ing. Golfinho, M. Jackson, C. ao M., sal, e fazendas. — *Salem*; 67 dias; B. Americano Eliza e Mary, M. Sam. Nemodes, C. ao M., bacalhão, e fazendas. — *Rio de S. João*; 5 dias; L. Santa Anna, M. José Joaquim Ferreira, C. a José Cardozo Nogueira, madeira. — *Benevente*; 3 dias; L. Senhora d' Assumpção, M. Antonio Martins dos Santos, C. a José Joaquim de Oliveira, assucar, e agoardente. — *Rio de S. João*; 8 dias; L. S. Joaquim Viajante, M. Antonio Francisco, C. a Manoel Gonçalves Ferreira, milho, e madeira.

### S A H I D A S.

Dia 28 do corrente. — *Babia*; B. S. Francisco de Paula, M. Mancel Nunes de Aguiar, fazendas. — *Porto*; B. Mãe de Deus, Cap. Luciano Miguel da Silva, couros, arroz, e caffè. — *Rio Grande*; B. Sacramento, M. Caetano Francisco Barreto, vinho, agoardente, e fazendas. — Dito; B. Galathea, M. Luiz Antonio Ferreira, assucar, agoardente, e fazendas. — Dito; S. Brilhante, M. José Ribeiro Alves, lastro. — *Tagoabi*; L. Conceição, e S. Francisco, M. José Ferreira, carne, sal, e vinho.

Dia 29 dito. — *Rio Grande*; B. Piedade, M. Antonio Petra Bitancourt, lastro. — *Ilha Grande*; L. Santa Anna, M. José Francisco Pantalhão, fazendas.

Dia 30 dito. — *Rio Grande*; S. Carolina; M. Francisco Ferreira da Silva, lastro. — Dito; S. Rio Lima, M. José Antonio Lisboa, lastro. — *Rio de S. João*; L. Boa Viagem, M. João Baptista Duarte, lastro.

Dia 31 dito. — (Nenhuma Sabida.)

## A V I S O S.

Sahirão á luz: Alvará de 20 de Maio de 1815; Creando na Cidade de Cabo Frio, e Villa de S. João de Macabé hum Lugar de Juiz de Fóra do Civil, Crime, e Orfãos. Dito de 30 do dito; Creando huma nova Comarca e Ouvidoria Geral na Cidade de Olinda; e suprimindo o Lugar de Juiz de Fóra da dita Cidade, &c., &c. Dito de 12 de Julho de 1815; Declarando e modificando o §. IV. do outro do 1.<sup>o</sup> de Dezembro de 1804; Ordenando, que o voto e parecer dos Lentes Censores das Dissertações, que annualmente devem fazer, e entregar os Doutores Oppositores da Universidade de Coimbra, não seja decisivo; e á Congregação de cada hum das Faculdades fique pertencendo approvar, e repro-

var as referidas Dissertações. Decreto de 12 de Julho de 1815; Extinguindo na Comarca do Serro do Frio o Lugar de Intendente do Ouro; servindo neste Lugar o Juiz de fóra da Villa do Principe. Vendem-se na loja da Gazeta a 40 réis cada hum.

Na loja de Manoel Mandillo, livreiro, defronte do Carmo, e na de vidros de Neves, e irmão, na rua da Alfandega, N.º 16, se vende o retrato do Senhor D. Pedro de Alcantara, Principe da Beira; pintado por Simplicio João Rodrigues de Sá em 1812, e gravado nesta Corte no presente anno. Seu preço 1:280 réis.

Quem quizer comprar huma armação de loja de varejo com as fazendas existentes na mesma loja, sita no largo do Paço, casa N.º 3, que era pertencente a Francisco Antonio dos Guimarães, pôde dirigir-se a fallar a Antonio Joaquim Guimarães, na rua de S. Pedro, N.º 18, ou a Jose da Costa Guimarães, na rua Direita, N.º 41.

Vendem-se humas cazas terreas N.º 12, ao jogo da bola, junto ao forte da Conceição: constão de caza de fóra, alcova, cozinha, e huma saleta: excellente vista para o campo, e a frente para o mar; são todas assoalhadas, tem pequeno quintal com parreiras e laranjeiras, pagão 2000 réis de foro annual; quem quizer compra-las, dirija-se a mesma caza, em que mora seu dono.

Na loja da Gazeta se achão as Estampas, que se seguem: — Huma Estampa representando Luiz XVIII em ponto grande por 3:680 réis, dita em ponto pequeno 2:240, a mesma em ponto pequeno colorida 2:880. — Huma Estampa representando toda a familia Real dos Bourbons, 3:680. — Huma Estampa representando as Augustas victimas da infelicidade, Luiz XVI, Luiz XVII, Maria Antoinette, Mademoiselle Elisabet, irmã de Luiz XVI, Duque d' Enghien, e a Princeza de Lamballe, 3:680. — Huma Estampa representando os Generaes em Chefe dos Exercitos combinados, Schwartzemberg, Wellington, Blucher, Sacben, Platoff, Castanos, 3:680. — Huma Estampa representando os Augustos Soberanos Alliados, Alexandre I., Principe de Galles, Frederico I., o Principe Constantino, o Rei da Prussia, e o Principe Real de Suecia, 3:680. — Huma Estampa representando Luiz XVI, Maria Antoinette, e Luiz XVII, colorida 2:880, em preto 2:240. — Huma Estampa representando o Duque d' Angouleme; 2:240. — Huma Estampa representando o Duque de Berri, colorida 2:880, em preto 2:240. — Huma Estampa representando o Conde de Artois, colorida 2:880, em preto 2:240. — Huma Estampa representando a Duqueza d' Angouleme, filha de Luiz XVI, 2:240.

Quem quizer comprar huma carruagem Inglesa, com guarnições para 4 bestas, tudo rico, e em muito bom estado: dirija-se á rua nova de Santa Thereza, casa N.º 3, onde se pôde ver e ajustar.

Faz-se saber ao publico que ha huma botica para se traspassar, ou vender, com todos os seus pertences, quem quizer dirija-se á caza de Salvador Corrêa de Sá, na rua do Rozario, N.º 69, detronete do beco do Fisco.

Na tarde do dia de 26 do passado mez de Julho, das quatro para as cinco horas na rua da Quitanda, entre a rua da Alfandega, e a do Rozario, perdeu se hum pequeno rolo de papel, que continha cinco bilhetes do Banco, tres de quatro centos mil réis cada hum, hum de 900, e hum de 300, que fazem o total de 1:3200; quem os achou, e os quizer restituir, dirija-se á rua da Quitanda, á loja de Domingos José Teixeira, e shi receberá 3200 por premio.

No primeiro do corrente mez de Agosto se principiarão a vender os Bilhetes da primeira Loteria mensal, que S. A. R. fez a graça de conceder para manutenção do Real Theatro de S. João, e em todos os dias primeiros dos mezes seguintes se tirará huma Loteria, e se principiarão a vender os Bilhetes de outra, isto impreterivelmente em quanto durar a Graça concedida: os Bilhetes são de 40800 cada hum, e o numero he de 10500, conforme o Plano seguinte. No mesmo dia da Extração se pagarão os premios, e depois disto a toda a hora que se procurarem.

### PLANO.

1	premio de	- - - - -	3:000,000
1	— de	- - - - -	2:000,000
1	— de	- - - - -	1:000,000
12	— de	100,000 - - - -	1:200,000

10500 Bilhetes a - - - - 40800 - - - - 7:200,000

Dos premios se descontará 12 por cento: os Bilhetes vendem-se no Theatro na Casa dos Camarotes.

RIO DE JANEIRO NA IMPRESSÃO REGIA. 1815.